

## Sínodo Panamazônico: dimensão, temporalidade e reforma em marcha

O Sínodo Especial sobre a Panamazônia é, e vai-se convertendo cada vez mais em um Sínodo que vai muito além da territorialidade sobre a qual se determinou. É certo também que não se pode perder seu foco, uma vez que isso poderia diluir sua possibilidade de produzir as mudanças e perspectivas necessárias para responder a esta realidade em particular que tanto necessita de uma conversão no modo de presença eclesial em diversos aspectos. É muito importante que o Sínodo sobre a Pan Amazônia não perca sua relevância, sua pertinência e, sobretudo, sua capacidade de ser verdadeiro anúncio de boa notícia em meio a circunstâncias tão complexas de fragilidade e ausência por parte da Igreja, de morte pelas crescentes expressões de dominação, extermínio e extrativismo nesse território, e da necessária acolhida e reconhecimento da graça e revelação de Deus em meio à diversidade cultural de seus povos originários (indígenas) e outras comunidades, e a maneira em que eles vivem suas esperanças e resistência para permanecer como povos.

Então, trata-se claramente de um Sínodo em tensão entre polos ou extremos complementares. Esse é um grande desafio, mas é também uma verdadeira ocasião para a mudança necessária e ansiada na Igreja e sua maneira de estar no mundo. À modo de reflexão sobre a Unidade na Diversidade, e a partir da dimensão trinitária de nossa fé, apresento as que considero, partindo de minha própria experiência nesses diversos processos e etapas do presente Sínodo, as TRÊS TENSÕES SUBSTANCIAIS ao redor e dentro do Sínodo da Pan Amazônia. Espero que elas sirvam como chaves de leitura para compreender o momento presente da Igreja, e o que está em jogo, inclusive em disputa, neste Sínodo da Panamazônia:

Por um lado, temos uma tensão sobre 1. a *DIMENSÃO*. O presente Sínodo se focaliza em uma dimensão *territorial* específica, com problemáticas e traços muito particulares que pedem da Igreja um tipo de presença e resposta de acordo com tal realidade. Neste ponto se fala da emergência do território como



novo lugar teológico, e de um novo sujeito eclesial na dimensão de sua territorialidade. Isso tem implicações muito sérias na própria estrutura da Igreja, dado que a noção de território, ou terra prometida na tradição antiga, é um elemento que dá sentido e identidade e é sustento do ser e da tarefa eclesial; mas também é, na tradição do seguimento de Cristo, uma chamada à busca permanente para descobrir um Deus encarnado em Jesus, ou seja, territorializado, numa cultura e contexto particulares, e que segue encarnando-se nos passos cambiantes do tempo.

Também é necessário reconhecer, no âmbito das Ciências Sociais, o território como construção social e simbólica, que deve ser assumido como uma complexa rede de relações de interconhecimento, inter-reconhecimento e interdependência<sup>1</sup>. Essa é uma perspectiva que ajuda a entender a relação dos territórios com aspectos aparentemente intangíveis, como nossa cultura e espiritualidade, com o ambiente natural que nos permite viver com nossa história. E, também no âmbito das Ciências Naturais, especialmente relevantes no caso da Pan Amazônia, onde o território se concebe como bioma ou como unidade ecológica que é um sistema vivo de complexas inter-relações orgânicas que determinam aspectos particulares de flora, fauna e megabiodiversidade.

É uma realidade, como se expressou no documento preparatório, que:

Na selva amazônica, de vital importância para o planeta, se desencadeou uma profunda crise por causa de uma prolongada intervenção humana onde predomina uma «cultura do descarté» (LS 16) e uma mentalidade extrativista. A Amazônia é uma região com uma rica biodiversidade, é multi-étnica, pluri-cultural e pluri-religiosa, um espelho de toda a humanidade que, em defesa da vida, exige mudanças estruturais e pessoais de todos os seres humanos, dos estados, e da Igreja<sup>2</sup>.

E, por outro lado, a dimensão *universal* da Igreja, na qual se faz explícita a necessidade de acompanhar os itinerários de reforma eclesial que nos inspiram desde o Concílio Vaticano II, e que se expressam de maneira

---

<sup>1</sup> BOURDIEU, Pierre. El capital social: apuntes provisionales. *Zona Abierta*, 2001, p. 83-87.

<sup>2</sup> Documento Preparatorio. Sínodo Panamazónico. Preámbulo

evidente no modelo pastoral que o Papa Francisco quer para a Igreja toda, cujo futuro se apresenta como esperançoso e desafiante. Nesse sentido, o Sínodo pode e deve trazer luzes nessa visão universal, afirmando a dualidade ou bifocalidade deste Sínodo quanto à sua dimensionalidade:

As reflexões do Sínodo Especial superam o âmbito estritamente eclesial amazônico, porque se enfocam a Igreja universal e também o futuro de todo o planeta. Partimos de um território específico, a partir de onde se quer fazer uma ponte para outros biomas essenciais de nosso mundo: bacia do Congo, corredor biológico Mesoamericano, bosques tropicais da Ásia, Pacífico, aquífero Guarani, entre outros<sup>3</sup>.

Diante disso, surge a pergunta: É um Sínodo sobre a Pan Amazônia somente, ou é um sobre a Igreja Universal a partir de uma realidade específica como a amazônica? E dado que sabemos que o Sínodo deve responder a ambas as dimensões interconectadas e interdependentes devemos nos perguntar também: que implicações terá este Sínodo e sua bidimensionalidade, para o futuro da missão da Igreja no território e para o corpo universal como um todo?

Em outro âmbito, no próprio tema está o título definido pelo Papa para o Sínodo: “Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral” se expressa uma segunda grande tensão sobre 2. a *TEMPORALIDADE*. Por um lado o tema ou título do Sínodo nos fala do urgente chamado a uma *Conversão Pastoral* em seu componente: “Novos caminhos para a Igreja”, elemento que representa sem dúvida a agenda pastoral da Exortação Apostólica “*Evangelii Gaudium*: Sobre o anúncio do evangelho no mundo atual” e que reflete a intenção do Pontificado de Francisco de interpretar os sinais dos tempos e chamar a um modo de ser Igreja profundamente em comunhão com e ao serviço do reino nesta realidade, tal e como é, e não a partir de uma leitura anacrônica dela. É um momento que definitivamente identificamos como “*Kairos*”<sup>4</sup>, já que vemos traços particulares da presença atuante de Deus, e de um chamado atraente para Ele, em meio a um mundo em busca de mistério,

---

<sup>3</sup> Documento Preparatório. Sínodo Panamazônico. Preâmbulo

<sup>4</sup> Antiga palavra grega que significa o momento adequado, o momento oportuno. Na nossa tradição de fé se refere a um tempo propício de Deus.

numa realidade fragmentada, e na qual a Igreja identifica o chamado do Espírito a acompanhar este processo numa dinâmica baseada na “saída missionária”. Trata-se de ir atrás de um discipulado missionário, de ser Igreja testemunho crível, com uma vocação clara por reconhecer e assumir a diversidade encarnando-se no concreto dela, e afirmando-a como expressão de Deus.

E no outro extremo desta segunda tensão, o próprio tema do Sínodo nos fala do chamado para alcançar “uma Ecologia Integral” como modo de ser e proceder como Igreja. Trata-se, fundamentalmente, do chamado a uma *Conversão Ecológica*, cujo itinerário está claramente estabelecido na Encíclica “*Laudato Si. Sobre o cuidado de nossa casa comum*”. Isso nos dá, do mesmo modo que no ponto anterior, uma leitura nítida e profunda dos sinais dos tempos, mas, neste caso, a partir de uma crise planetária de uma escala nunca antes imaginada ou antecipável, cujo futuro do ser humano e do planeta se encontra em risco.

Encontramo-nos diante de um chamado a mudar nosso modo de relação com nossa irmã terra, e tudo o que ela representa quanto à diversidade de bens da criação, a uma mudança profunda em nossa relação uns com os outros, dado que instauramos uma dinâmica de exploração e acumulação sem precedentes (“cultura do descarté”) que põe o planeta em terapia intensiva e à beira de seu limite. É um convite imperativo a uma mudança em relação ao sentido do mistério, reconhecendo que devemos repensar nossa espiritualidade para buscar uma que seja mais sóbria, sustentada no essencial, e que nos permita ter uma verdadeira comunhão com a irmã mãe terra, com as irmãs e os irmãos deste mundo, em especial os mais excluídos e os que protegem nossa casa comum, e com o Deus da vida, que quer um futuro possível para os que ainda estão por vir.

Isto é, trata-se de um momento que requer uma mudança radical e imediata, portanto, deve ser assumido como um tempo “*cronos*”<sup>5</sup>. Ou seja, o tempo que avança irrefreavelmente, e se não fizermos algo significativo para

---

<sup>5</sup> Palavra grega que representa o tempo abstrato geral, tempo ou período determinado, literalmente: “Tempo”). Era a personificação do tempo.

mudar a realidade agora mesmo, quiçá seja demasiado tarde. É uma mudança concreta, material, urgente, não negociável, que emana da perspectiva sobre a Ecologia Integral para este Sínodo. Será um Sínodo capaz de interpretar o momento “*Kairos*” para abraçar a revelação de Deus que pede uma conversão pastoral progressiva mas iniludível, e ao mesmo tempo capaz de fazer um chamado profético e efetivo para uma conversão material e de relações, diante da enorme crise planetária socioambiental em ritmo de “*cronos*”? Um sem o outro será insuficiente e estará incompleto.

E, em última instância, uma terceira grande tensão sobre 3. a *REFORMA EM CURSO* dentro da Igreja. Esta tensão se articula com as duas anteriores, neste que consideramos ser um ponto de chegada no processo de revelação e impulso à conversão desde o Concílio Vaticano e até o dia de hoje. Uma reforma em marcha, sempre incompleta pela natureza dinâmica da Igreja e do mundo, e como expressão da ação criadora de Deus sempre em movimento, mas que alcança, ou quer alcançar, alguns pontos de plenificação neste momento.

Aqui, a tensão está sobretudo expressa entre um polo que procura a continuidade do que consideramos o modo a partir da *Centralidade*, com um esquema mais tradicional, associado a uma Igreja com um modelo de governo centralizador que se sobrepõe ao periférico, e com um estilo, todavia, predominantemente hierárquico-vertical. Este modelo está mais associado a um esquema de preservação, que cuida de certos traços essenciais de nossa identidade eclesial, mas que, quiçá, perdeu a capacidade de um discernimento mais próximo à realidade dinâmica e, portanto, considera mais complexo descobrir e deixar-se tocar pela novidade permanente da revelação do Deus de Jesus em meio da territorialidade; e, por isso, resiste a mudar em alguns aspectos.

É necessário cuidar de nosso corpo eclesial como um todo, prevenir seu futuro mantendo os elementos substanciais de nossa fé. Contudo, devemos identificar onde a perspectiva de preservação nos fez perder de vista a enorme riqueza do processo dinâmico do Deus revelado em meio à diversidade, ou ainda mais, onde perdemos de vista o Cristo crucificado presente nas diversas fronteiras da realidade. Há um chamado a ser uma presença encarnada,

inculturada e intercultural, pedindo que sejamos essa Igreja capaz de reorganizar-se, abandonando certas seguranças estruturais, para sair ao encontro daqueles que estão feridos e que foram lançados a um lado do caminho. e quanto é urgente isso hoje na Pan Amazônia, e para seus povos, um território tão cobiçado e explorado.

E, por outro lado desta tensão, a tentativa de uma Igreja mais *Sinodal*. Ou seja, uma Igreja capaz de revisar-se internamente para mudar de ritmo, para mudar seu modo de caminhar, e que reconheça aos diversos sujeitos que a interpelam hoje para poder caminhar muito mais em sintonia com as mulheres e homens de hoje, que são os sujeitos da redenção. Uma Igreja que se organiza buscando um modo de governo mais Sinodal, ou seja, mais participativo, colegial, de maior comunhão, e que estabelece critérios e estruturas novas para caminhar mais ao ritmo dos gritos e esperanças da realidade, e capaz de incorporar a novidade que vem da riqueza da diversidade. E, mais uma vez, quanto tem a Pan Amazônia, seus povos, e os missionários que se encarnaram seriamente, para ensinar-nos outros modos, outros ritmos, e uma visão profunda do sacramental e ministerial, que fazem sentido neste tempo, lugar e com estas pessoas.

Uma Igreja Sinodal que assuma a reconfiguração estrutural de seu modo de ser e proceder para dar conta desse “aggiornamento”, ainda incompleto, que começou faz mais de 55 anos, e que, na perspectiva Sinodal, alcança, ou quer alcançar, um ponto de verdadeira plenificação. Basta ler alguns extratos da Constituição Apostólica do Papa Francisco “*Episcopalis Communio*, Sobre o Sínodo dos Bispos”, que é providencial e estrategicamente apresentada em vista desse Sínodo Pan Amazônico, para identificar os traços desta terceira tensão, permitindo que possamos discernir por onde chama o Espírito para que este Sínodo possa lançar luzes sobre as necessárias conversões:

Também o Sínodo dos Bispos deve converter-se cada vez mais em um instrumento privilegiado para escutar ao Povo de Deus: «Peçamos antes de tudo ao Espírito Santo, para os padres sinodais, o dom da escuta: escuta de Deus, até escutar com Ele

o clamor do povo; escuta do povo, até respirar nele a vontade a qual Deus nos chama»[23]<sup>6</sup>.

Neste documento de estrutura e identidade se expressa o anseio de uma Igreja muito mais constitutivamente Sinodal, e ao ser *Constituição Apostólica*, confirma o fato de que é possível reformar e reconstituir a estrutura eclesial para colocá-la ao serviço mais próximo do que o momento presente pede e passar da preservação, para verdadeiras conversões pastoral, socio-ecológica, e para a Sinodalidade, que sejam radicais, isto é, sustentadas desde a raiz.

Neste nível, há uma tensão evidente entre alguns aspectos do Código de Direito Canônico, que não é demasiado dizer que é um *corpus* jurídico mutável em nossa Igreja para responder ao Espírito mais profundo da revelação de Deus e não palavra imutável talhada em pedra e, por outro lado, o chamado do Papa Francisco a uma maior Sinodalidade, como se expressa na Constituição Apostólica “*Episcopalis Communio*”.

Peçamos ao Deus da vida, com o melhor de nossa fé e nossa capacidade de leitura dos sinais dos tempos, para que este momento “Sinodal”, com a territorialidade Amazônica e seus povos indígenas e comunidades diversas como rosto da Encarnação, e no mistério de sua enorme biodiversidade como expressão do rosto de Deus, para que sejamos capazes de nos transformar para eleger a vida, honrá-la. Que tiremos as sandálias e façamos frente aos graves sinais de destruição que pesam sobre este espaço sagrado onde seguem crucificados os diversos rostos do Cristo encarnado. Esperamos que tudo isso nos permita alcançar as reformas necessárias. Pedimos, também, o delicado e firme discernimento dos sinais dos tempos, para superar visões fragmentadas ou os fundamentalismos presentes nos extremos do conservadorismo que se nega a mudar, e os essencialismos que querem mudanças autoindulgentes de suas próprias visões e que prescindem da identidade eclesial.

Que saibamos semear sementes de conversão em meio a um momento de “Kairos”, sendo capazes de responder profeticamente, inclusive a partir da

---

<sup>6</sup> Constitución Apostólica Episcopalis Communio. Sobre el Sínodo de los Obispos. No. 6. Sept. 2018.

força da Igreja martirial na Amazônia, frente a grave crise socioambiental, pois a situação não dá mais.

Concluo este editorial com uma citação da *Episcopalis Communio* que nos ajuda a colocar nossas esperanças, e a dispor nossas forças, no mais importante do Sínodo, ou seja, a fase pós-sinodal de concreção na qual possamos discernir e tirar frutos das TRÊS tensões aqui apresentadas: DIMENSÃO: entre territorialidade e universalidade. TEMPORALIDADE: entre o *Kairos* dos “novos caminhos para a Igreja” e o *cronos* da urgência para responder à crise socioambiental a partir de “uma ecologia integral”. E, da REFORMA EM CURSO: entre a centralidade e a sinodalidade.

Por último, à celebração da Assembleia do Sínodo lhe deve seguir a fase de sua implementação (...) É necessário a esse respeito ter bem claro que «as culturas são muito diferentes entre si e todo princípio geral [...] necessita ser inculturado se quer ser observado e aplicado» [31]. Desse modo, se mostra como o processo sinodal tem seu ponto de partida e também seu ponto de chegada no Povo de Deus, sobre o qual devem se derramar os dons de graça derramados pelo Espírito Santo através da reunião na assembleia dos Pastores<sup>7</sup>.

Mauricio López Oropeza

Secretário Executivo e co-fundador da Red Eclesial Panamazónica - REPAM.

Leigo inaciano, ex-presidente mundial da Comunidade de Vida Cristã - CVX. Membro do Conselho Pré-Sinodal instituído pelo Papa Francisco para o Sínodo Especial da Pan Amazônia. Formação em espiritualidade Inaciana, Discernimento e acompanhamento espiritual, Ciências Sociais e Território, Desenvolvimento Humano, e Gestão e administração. Mexicano por nascimento, equatoriano por eleição, e amazônico por vocação.

---

<sup>7</sup> Constitución Apostólica *Episcopalis Communio*. Sobre el Sínodo de los Obispos. No. 7. Sept. 2018